

Riqueza de Plantas Alimentícias Não-Convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Valdely Ferreira Kinupp¹, Ingrid Bergman Inchausti de Barros²

Introdução

Muitas plantas são denominadas "daninhas" ou "inços", pois medram entre as plantas cultivadas, porém, são espécies com grande importância ecológica e econômica. Muitas destas espécies, por exemplo, são alimentícias, mesmo que atualmente em desuso (ou quase) pela maior parte da população. O mesmo é válido para plantas silvestres, as quais são genericamente chamadas de "mato" ou "planta do mato", as quais, no entanto, são recursos genéticos com usos potenciais inexplorados.

Conceitualmente, *plantas alimentícias* são aquelas que possuem uma ou mais partes ou produtos que podem ser utilizados na alimentação humana, tais como: raízes, tubérculos, bulbos, rizomas, cormos, talos, folhas, brotos, flores, frutos e sementes ou ainda látex, resina e goma, ou que são usadas para obtenção de óleos e gorduras comestíveis. Inclui-se neste conceito também as especiarias, espécies condimentares e aromáticas, assim como plantas que são utilizadas como substitutas do sal, como edulcorantes, amaciantes de carnes, corantes alimentares e no fabrico de bebidas, tonificantes e infusões. Conceitos similares são adotados por Kunkel [1] e pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação - FAO [2].

Uma listagem de todas as plantas comestíveis do mundo não existe. Numa das mais completas, são enumeradas cerca de 12.500 espécies potencialmente alimentícias, perfazendo 3.100 gêneros e cerca de 400 famílias, em sua maioria pteridófitas e angiospermas [1]. No Brasil existem poucos trabalhos científicos, e mesmo de divulgação, sobre plantas alimentícias não-convencionais. Há alguns compêndios que listam espécies nativas e cultivadas e suas possibilidades de uso, de forma genérica, e trabalhos regionais, para algum bioma específico (e.g., Cerrado) e para formas de uso delimitadas (e.g., frutas).

Em função desta carência de informações básicas sobre a disponibilidade de recursos alimentícios nativos, suas formas de uso e partes utilizadas e dos usos potenciais destes recursos alimentares desconhecidos e ou negligenciados, foi proposto o presente estudo de levantamento das espécies nativas potencialmente alimentícias disponíveis nas diferentes formações

vegetais da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), Rio Grande do Sul (RS).

Material e métodos

O estudo aqui apresentado foi realizado no âmbito da RMPA, que compreende 31 municípios e ocupa uma área de 9.825,61 km², representando 3,65% da área do estado do RS [3]. Foi realizada uma revisão de toda a bibliografia de interesse, disponível sobre inventários florísticos realizados na RMPA. Também foram consideradas monografias, dissertações, teses, artigos, livros, entre outras publicações, sobre as diversas formações vegetais ocorrentes na RMPA. Os dados foram complementados através de consultas aos Herbários ICN (UFRGS), HAS (FZBRS) e PACA (UNISINOS). Foram contemplados trabalhos sobre todos os hábitos (árvores, arbustos, trepadeiras, apoiantes e herbáceas em geral). As espécies foram listadas pela família, nome científico, nomes populares, categoria de uso e partes usadas como alimentos.

As identificações de quais espécies de plantas são potencialmente alimentícias foram realizadas a partir de bibliografia específica, principalmente: [1, 4, 5] e demais artigos e publicações revisados no presente estudo. Além de dados próprios, experimentações e descobertas feitas durante a presente pesquisa e de consultas a especialistas e ou informações de conhecedores tradicionais. Algumas espécies consideradas comercialmente promissoras foram coletadas e estão sendo propagadas para estudos preliminares fitotécnicos e nutricionais.

Resultados e discussão

Até o presente foram encontradas cerca de 280 espécies de plantas com potencial alimentício, distribuídas em 71 famílias e 65 gêneros, sendo a família Fabaceae representada por duas subfamílias – Faboideae e Mimosoideae. Deste total, 28 famílias (39%) estão representadas por uma única espécie (0,35%) com potencial alimentício. As três famílias com maior riqueza de espécies com potencial alimentício na RMPA (Myrtaceae, Asteraceae e Solanaceae, respectivamente) contribuem com 29 espécies (10%), 21 espécies (7,5%) e 14 espécies (5%), respectivamente (Fig. 1). A classificação das famílias segue APG II [6]. Estes dados

1. Doutorando em Fitotecnia, Faculdade de Agronomia, Departamento de Horticultura e Silvicultura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Av. Bento Gonçalves, 7712, Bairro Agronomia, Porto Alegre, RS, CEP 91540-000. E-mail: valkinuppp@yahoo.com.br

2. Professora Titular do Departamento de Horticultura e Silvicultura, Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Av. Bento Gonçalves, 7712, Bairro Agronomia, Porto Alegre, RS, CEP 91540-000. E-mail: ingridb@ufrgs.br

são preliminares e estão sendo atualizados e complementados. Desse total, 17 espécies são ou podem ser utilizadas para o preparo de bebidas (refrigerantes, chás, tonificantes, estimulantes, licores e ou adicionadas em aguardente); 22 espécies apresentam potencial como condimento ou tempero; 146 espécies podem ser classificadas como hortaliças, incluindo neste conceito plantas produtoras de flores, folhas, raízes tuberosas e caules comestíveis; 118 espécies são frutíferas, contemplando frutas propriamente ditas, além de amêndoas e sementes; e cerca de 12 espécies têm um uso potencial como cereal; seis produtoras de óleo (oleaginosa); bromelina, papaína e corante alimentício sendo fornecidos, individualmente, por uma espécie (Fig. 2).

As partes com potencial uso alimentar desta diversidade vegetal, estão assim distribuídas: 133 espécies produzem frutos comestíveis; 99 espécies produzem folhas que podem ser utilizadas na alimentação humana; 58 apresentam flores alimentícias; de 52 podem ser utilizadas as sementes; 30 têm talos que podem ser usados como verdura; 11 apresentam rizomas; oito com raízes tuberosas; seis espécies produzem tubérculos comestíveis; cinco espécies têm casca de alguma parte da planta com uso potencial como alimento. Plantas produtoras de inflorescências jovens (cinco); bulbos (quatro); planta inteira (quatro); brotos tenros e bases foliares (três); cladódios (duas), palmito, pólen, goma, medula e escama carnosa, contemplados com uma espécie cada.

Em relação aos hábitos de crescimento, estas 280 espécies levantadas até o momento podem ser classificadas, genericamente, em cerca de oito categorias, não rigidamente determinadas nem excludentes: ervas em geral (incluindo herbáceas eretas, prostradas, decumbentes, epífitas, suculentas, aquáticas e outras) perfazendo 131 espécies; árvores contribuindo com 66 espécies; arbustos 37 espécies; trepadeiras com consistência herbácea totalizando 16 espécies; trepadeiras lenhosas com 15 espécies; trepadeiras sublenhosas com 14 espécies; subarbustos perfazendo nove espécies e a categoria arborescente, contemplada com duas cactáceas. Novamente o somatório geral é superior à riqueza total de espécies listadas, pois muitas espécies apresentam uma amplitude de hábitos, em função da variabilidade genética e das condições em que medram.

Em média, 10% do total de espécies vegetais de qualquer bioma do planeta são comestíveis [7]. Naturalmente que há ambientes mais ricos e outros com menor riqueza e abundância. Em habitats naturais, em média, a riqueza de espécies de plantas com potencial alimentício varia de 6% (Terra do Fogo) a 21% (Amazônia boliviana) e em solos férteis de regiões tropicais e subtropicais, especialmente em áreas com interferência antrópica, este percentual cresce vertiginosamente. Nos ambientes sob ação do homem, e considerando-se apenas as espécies ruderais, invasoras ou “daninhas” (*weeds*), este percentual de uso alimentício potencial pode alcançar até 89% das espécies [7]. Considerando a relação de espécies (cerca de 1490) apontadas por Teodoro Luis [8] como uma das

estimativas mais completa da riqueza florística da RMPA, os dados preliminares do presente estudo indicam que cerca de 19% das espécies nativas da RMPA podem ser utilizadas na alimentação humana. Percentual bem superior à média citada [7]. O conceito de “nativas” aqui adotado inclui também aquelas espécies naturalizadas e pantropicais sobre as quais pairam dúvidas sobre a real origem geográfica ou que são cosmopolitas e ocorrem na RMPA, assim como em outras regiões do RS e do Brasil e com potencial alimentício negligenciado.

Agradecimentos

Ao CNPq pela bolsa de doutorado do primeiro autor e a todos os colaboradores deste projeto.

Referências

- [1] KUNKEL, G. 1984. *Plants for human consumption: an annotated checklist of the edible phanerogams and ferns*. Koenigstein: Koeltz Scientific Books. 393p.
- [2] FAO. 1992. *Productos forestales no madereros; posibilidades*. Estudio FAO Montes. Publicación No. 97, Roma. 35p.
- [3] HABITAT. *Região metropolitana de Porto Alegre - caracterização sócio-espacial*. Borba, S.V. (Coord.). Porto Alegre, 2003. 49 p. Disponível em PDF em: <<http://www.metroplan.rs.gov.br>>. Acesso em: 20 dez. 2004.
- [4] FACCIOLA, S. 1998. *Cornucopia II - a source book of edible plants*. Vista: Kampong Publications. 713p.
- [5] CORRÊA, M. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Ministério da Agricultura & Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. 6v. 1926-1978. 4329p.
- [6] SOUZA, V.C. & LORENZI, H. 2005. *Botânica sistemática: Guia Ilustrado para Identificação das Famílias de Angiospermas da Flora Brasileira, baseado em APGII*. Nova Odessa, SP, Instituto Plantarum. 640p.
- [7] DÍAZ-BETANCOURT, M. et al. 1999. Weeds as a source for human consumption. A comparison between tropical and temperate Latin America. *Revista Biología Tropical*, v.47, n. 3, p.329-338.
- [8] Teodoro Luis, F.S.C. 1960. *Flora analítica de Porto Alegre*. Canoas, RS, Instituto Geobiológico la Salle. 225p.

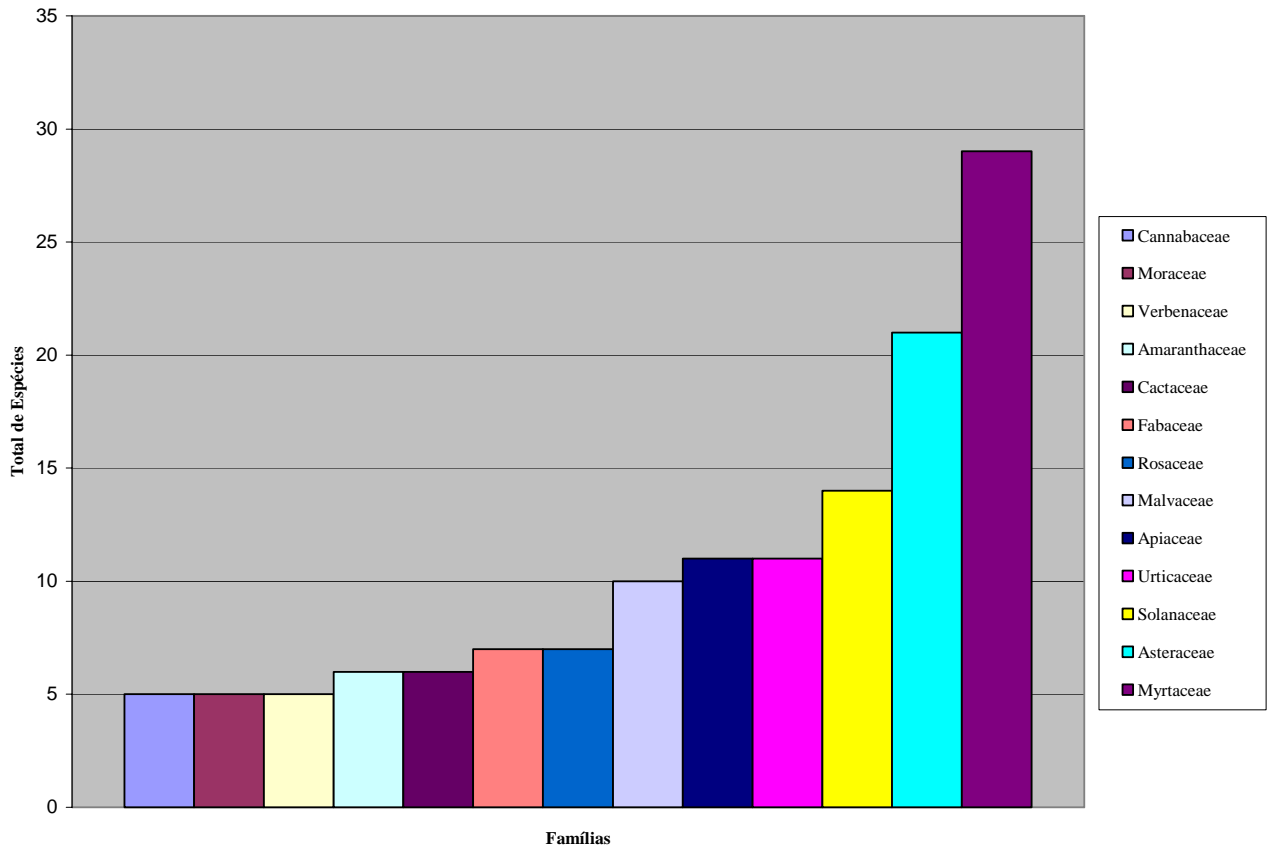


Figura 1 - Famílias com cinco ou mais espécies com potencial alimentício nativas na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA).

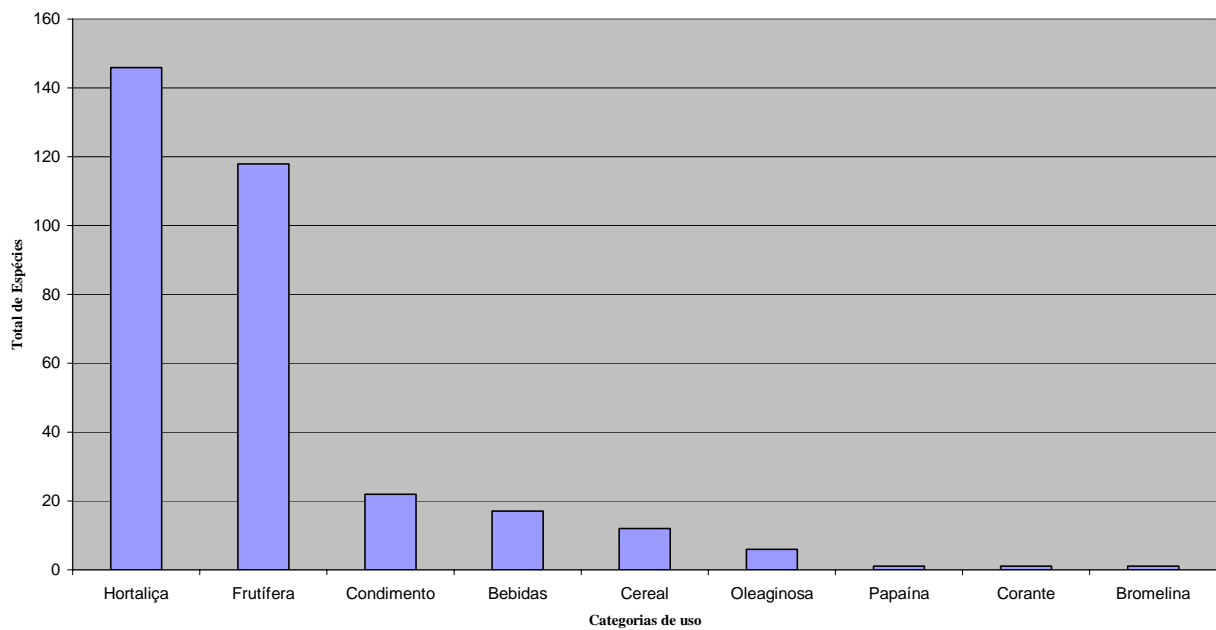


Figura 2 - Categorias de usos alimentícios das espécies nativas da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA).